

Mercúrio ameaça no Vale do Tapajós

LETÍCIA HELENA
Enviada especial

SANTARÉM (PA) — A contaminação por metil-mercúrio — que, em altas doses, provoca a moléstia conhecida como doença de Minamata — ameaça toda a comunidade ribeirinha do Vale do Tapajós, onde vivem hoje cerca de 700 mil pessoas. Mesmo em localidades que ficam a quase mil quilômetros das regiões de garimpo, os moradores apresentam índices de contaminação mais de 20 vezes superiores aos números considerados suportáveis para o ser humano pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O metal usado pelos garimpeiros escoia para os rios afluentes do Tapajós, envenena os peixes e acaba atingindo as comunidades que vivem da pesca na região.

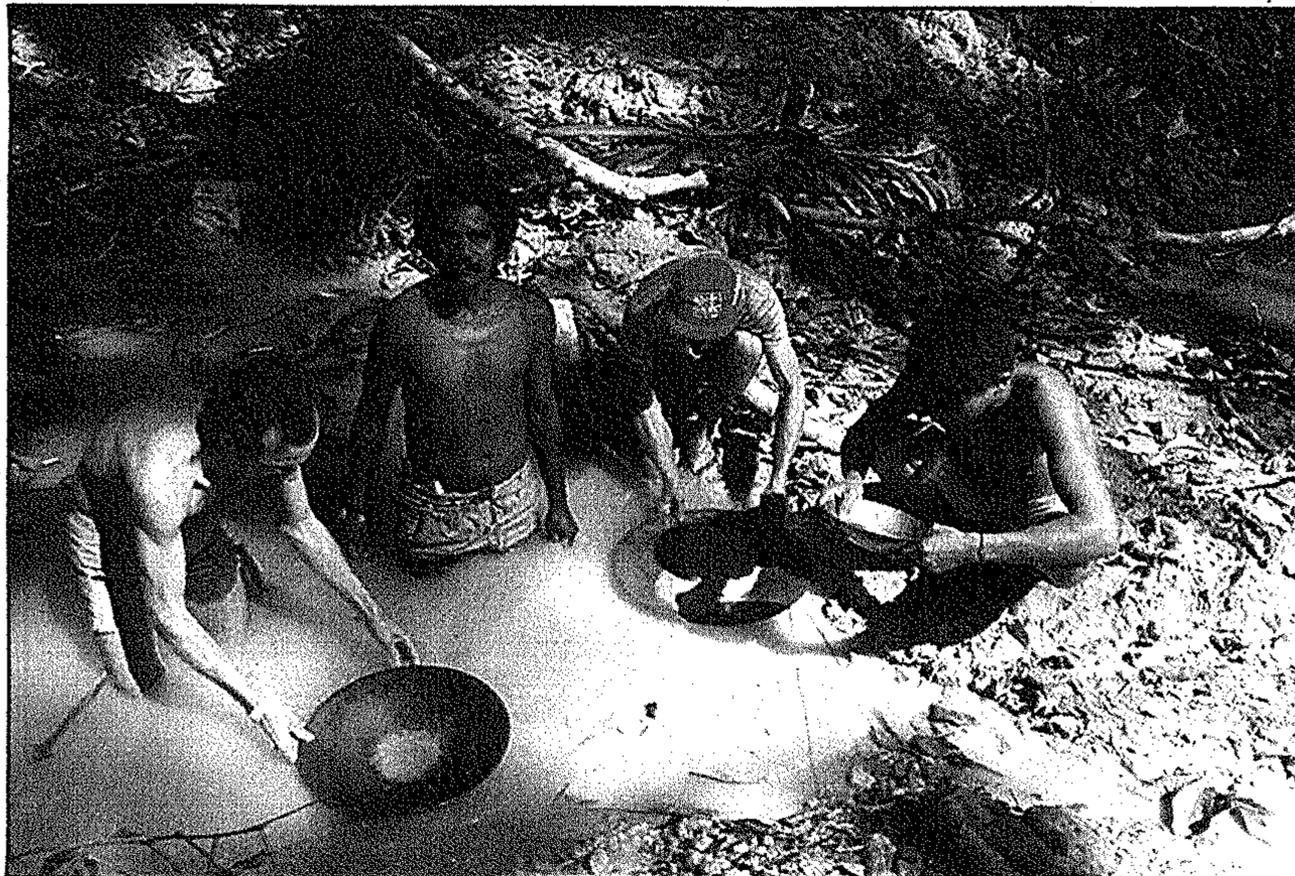
Uma das localidades mais afetadas é Brasília Legal, uma comunidade de pescadores com cerca de 900 habitantes que fica a mais de 350 quilômetros da região de garimpos. Ali, o médico Fernando Branches, uma das maiores autoridades brasileiras no assunto, encontrou pessoas com índice de contaminação de 151 ppm — o limite da OMS é de 6 ppm. Em países onde ocorreram derramamentos de mercúrio, sintomas de alteração no sistema nervoso começaram a aparecer em pacientes com índices a partir de 50 ppm.

— Ainda não sabemos por que as pessoas contaminadas não desenvolveram os sintomas da doença de Minamata. O problema é que a contaminação por metil-mercúrio acontece a longo prazo, não tem cura e poderia comprometer as crianças geradas por mães envenenadas — explica Fernando.

Na opinião do médico, nada impede que, de uma hora para outra, as populações contaminadas comecem a apresentar os sintomas da doença de Minamata. Por afetar o sistema nervoso, a moléstia causa o adormecimento das extremidades, a restrição do campo visual, alterações na coordenação motora e na audição e dificuldades de fala. Segundo a OMS, uma mulher grávida com 10 ppm tem 5% de chances de contaminar o bebê.

— O grande problema do metil-mercúrio é que ele se localiza facilmente no cérebro e na placenta. Já encontrei mulheres grávidas com 32 ppm — conta o médico.

O estudo da doença vem sendo feito com o apoio da Universida-



Garimpeiros procuram ouro em afluente do Tapajós, na Amazônia: águas e peixes contaminados por mercúrio

de Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Instituto Nacional da doença de Minamata, uma entidade japonesa. Este ano, a Comunidade Econômica Europeia apoiou um projeto de uma organização não-governamental do Pará, a Fundação Esperança, que, nos próximos três anos terá financiamento para implantar um laboratório em Santarém, estudar tecnologias alternativas ao uso do mercúrio e cuidar da educação ambiental das comunidades.

Além disso, por duas vezes nos últimos três anos o médico Fernando Branches tentou um contato direto com o Governo federal para denunciar o problema. Em 1991, esteve numa audiência com o então ministro da Saúde Alcení Guerra. Meses depois recebeu correspondência avisando que sua carta-denúncia fora encaminhada à Secretaria de Vigilância Sanitária. Em 93, Fernando repetiu a denúncia, encaminhando um documento do então ministro Jamil Haddad através de um político da região.

— Nossos problemas são os anais competentes do Governo. Porque os canais por onde o mercúrio escoia para contaminar as pessoas estão funcionando a todo vapor — lamenta o médico.

No Japão, envenenamento causou quase 800 mortes

Quase 60 anos depois de ter sido iniciado o despejo de mercúrio na Baía de Minamata, no Japão, o envenenamento pelo metal contabiliza quase 800 mortes. Além das vítimas fatais, outras dez mil pessoas atingidas brigam na Justiça por uma indenização.

Entre maio de 1956 — quando a contaminação passou a ser conhecida como doença de Minamata — e o início dos anos 90, 2.100 pessoas desenvolveram os sintomas da moléstia, segundo informações da Organização Mundial de Saúde (OMS).

O despejo de mercúrio nas águas da Baía de Minamata, por uma fábrica de plásticos, começou em 1936. A indústria utilizava o metal como catalisador e lançava os restos, na

forma de metil-mercúrio, na baía — ao redor da qual viviam 200 mil pessoas. Os primeiros sintomas da doença, porém, só apareceram em 1950.

Duas décadas depois, a doença de Minamata voltaria a assombrar o mundo. Em 1970, o Iraque enfrentava um inverno rigoroso e, para combater a fome no país, os Estados Unidos enviaram toneladas de grãos de trigo — que tinham sido pulverizados com mercúrio para evitar a deterioração das sementes.

Apesar do aviso, a população do Iraque fez pão com as sementes. Mais de seis mil iraquianos foram envenenados e pelo menos 500 morreram.

Peixes envenenados contaminam pessoas

SANTARÉM (PA) — A contaminação por mercúrio ocorre de duas formas. A mais comum acontece através do vapor exalado pelo metal e atinge garimpeiros, “queimadores de ouro” (profissionais responsáveis pela limpeza do ouro) e toda pessoa que lida diretamente com o ouro, como os compradores do metal. A outra forma de envenenamento é através do metil-mercúrio: neste caso, a contaminação ocorre pela ingestão de alimentos envenenados. No caso da região do Rio Tapajós, os peixes acumulam mercúrio no organismo e, ao serem ingeridos, contaminam os pescadores.

Nos dois casos, os sintomas também são diferentes. As vítimas do vapor de mercúrio têm problemas como medo súbito, perda da auto-confiança, tremores, dificuldade para andar, alteração de personalidade, taquicardia, convulsões, perda da consciência. Nos casos menos graves, os sintomas desaparecem quando a pessoa é afastada da fonte de envenenamento. Porém, dependendo do grau de contaminação, o doente terá sequelas por toda a vida.

— Aqui em Santarém temos um paciente que leva vida vegetativa, não consegue sequer comer sozinho. Ele morava em cima de um escritório de compra de ouro e, durante anos, foi submetido aos vapores do mercúrio — conta o médico Fernando Branches.

Já os efeitos do metil-mercúrio são diferentes, demoram mais para aparecer e não têm cura. Os medicamentos que ajudam a eliminar o metal do organismo sequer funcionam, por que o mercúrio afeta diretamente o sistema nervoso. Nos países desenvolvidos, cientistas desenvolvem estudos sobre a contaminação de crianças com índices de 2 a 3 ppm. Em Jacareanga, no Vale do Tapajós, o médico examinou meninos de 4 anos com 70 ppm no organismo.

O exame para detectar o envenenamento, nos dois casos, é feito com fios de cabelo.

A repórter Leticia Helena viajou a convite do Greenpeace